



Entremez para mamulengo.

MANUEL FLORES — Distinto, respeitável, glorioso, excelso e grandiloquente público! O Grande Teatro Paraibano tem o prazer de apresentar a mais extraordinária tragédia já escrita para mamulengo nessas terras do Nordeste, a peça que deu fama imorredoura a seu autor. No momento em que lhes falo, a referida tragédia está sendo representada nos palcos do Japão, pela Companhia de Teatro do Imperador da Cochinchina! Intitula-se esta grandiosa tragédia *O Seguro*, ou seja, *O Anjo da Paz Familiar*. Aqui verão como um enviado que cai subitamente sobre um mundo fechado pode modificar uma vida em poucos instantes. Vai começar! E, sem mais delongas, vou me escafeder por ali, porque já entram os dois anjos que vão levar a paz à família do senhor Vicentão e de seu filho Vicentinho. Aí vêm os dois anjos! Afonso Gostoso, que faz aqui o papel de agente de seguros, e Benedito, secretário dele. Até já.

Aparecem AFONSO GOSTOSO e BENEDITO.

AFONSO — Olhe, Benedito, eu tenho que vender esse seguro a Vicentinho. Só assim é que a companhia de seguros me dá a comissão e só assim é que a gente come hoje.

BENEDITO — Você tem que vender? Deixe comigo. É a coisa mais fácil do mundo. Está vendo esse cacete, esse birro de quina, esse Deus-me-perdoe?

AFONSO — Estou.

BENEDITO — Esse cacete foi aprovado pelo laboratório bromatológico da chapuletada! Você chama Vicentinho, oferece o seguro. Se ele não quiser

assinar o papel, eu cubro ele no pau!

AFONSO — Não me venha com violência. Hoje, aqui, você é meu secretário. Para chegar ao coração do homem, o caminho é a mulher. E como dizia Camilo Castelo Branco: para conversar as mulheres, não há como, aqui, o Afonso Gostoso! Que tal está a cabeleira?

BENEDITO — Está um pouco assanhada!

AFONSO — Quer fazer o favor de penteá-la?

BENEDITO — Ih, que esse bicho parece que não é sério não!

AFONSO — Deixe de besteira, Benedito! Eu sou homem para enganchar! É que as mulheres gostam da cabeleira aqui do Afonso, mas só vai penteada! Quem é a mulher de Vicentinho?

BENEDITO — Aqui, nesta peça, é Marieta.

AFONSO — Ah, está no papo! Você trouxe o violão?

BENEDITO — Trouxe, está aqui!

AFONSO — Então acompanhe aqui minha serenata. (*BENEDITO acompanha e AFONSO canta.*)

A letra A quer dizer amor perfeito
A letra B quer dizer o bem querer
A letra C quer dizer ser caridoso
A letra D, Deus vos guarde bem formoso
A letra E quer dizer ela dizia
A letra F quer dizer Felicidade
A letra G quer dizer guardar segredo
A letra H, hoje mesmo eu tive um medo

A letra I quer dizer idade pouca
A letra J quer dizer jurei sem fim
A letra K quer dizer cair sorrindo
A letra L, lembra-te sempre de mim
A letra M quer dizer minha querida
A letra N quer dizer não sou ditoso
A letra O quer ser ó linda bela
A letra P, para mim os olhos dela
A letra Q quer dizer quando veremos
A letra R quer dizer ramos de flor
A letra S quer dizer saudade forte
A letra T, tenho fé até a morte
A letra U quer dizer uma esperança
A letra V quer dizer veremos sempre
A letra X quer dizer chorei de dor
A letra Z, zela sempre o teu amor.

MARIETA — (*Aparecendo.*) Ah, que linda melodia! Veio dos lados do Panati, como uma aura ou brisa benfazeja, por sobre os bodes, as pedras e os jumentos do sertão! Quem canta esta tão linda melodia?

AFONSO — Eu, que me lanço aos pés de Vossa Excelência, como uma flor aos pés da Princesa Isabel, A Redentora, que a 13 de maio de 1888 assinou a Lei Áurea do meu amor.

MARIETA — Ah, que frase linda! Ou eu muito me engano ou essa cabeleira oculta a mágica personalidade de Seu Afonso Gostoso!

AFONSO — Seu criado! Vim de Campina Grande agora mesmo para salvá-la.

MARIETA — Para salvar-me? De quê? Da solidão?

AFONSO — Não. Para salvá-la do dragão da miséria e da serpente da morte. Em Campina Grande, tornei-me agente de seguros e com isso vou salvar

todos os habitantes de Taperoá das desgraças de uma velhice desamparada. Vou desfazer os agravos, endireitar os tortos, proteger os desvalidos, os órfãos, as viúvas etc. Principalmente as viúvas e os etc. A senhora é viúva?

MARIETA — Não, mas confesso que sou um pouco... etc.

AFOUNSO — Então é como eu. Olhe, linda senhora, eu represento a Companhia de Seguros Morte Certa, a garantia para um falecimento seguro.

MARIETA — Sai, azar!

AFOUNSO — Que sai azar que nada! Seu marido, o estimável Vicentinho, está?

MARIETA — Meu marido? Como é que o senhor sabe que Vicentinho é meu marido?

AFOUNSO — Não foi a senhora que veio atender quando eu chamei?

MARIETA — Eu posso ser a criada, não posso?

AFOUNSO — Nunca, isso nunca. A senhora tem uns modos tão elegantes, umas maneiras tão distintas, que eu vi logo que se tratava de uma senhora de qualidade. A senhora podia ter vindo nua...

MARIETA — Eu? Ai, que escândalo!

AFOUNSO — Espere, a senhora não deixa nem a gente terminar! A senhora podia ter vindo nua que mesmo assim eu descobriria logo que se tratava de uma senhora.

BENEDITO — Aliás, o jeito mais fácil de descobrir se uma pessoa é homem ou mulher é olhar ela nua.

AFONSO — Aqui, meu secretário: Benedito Pacífico Fialho Monteiro Cavaleiro de Carvalho. Acaba de corroborar o que eu digo: mesmo nua, a senhora é uma grande dama.

MARIETA — Se é assim, vê-se logo que a coisa é outra. O senhor é tão delicado que vou fazer uma exceção. Não gosto nem de agente de seguro nem de agente funerário: dão azar. Mas delicado desse jeito, só mesmo se eu tivesse um coração muito duro é que ia lhe negar. Meu marido está. Vou chamá-lo. Vicentinho! Vicentinho!

VOZ DE VICENTINHO — Hein? Que é, chocolate?

MARIETA — Suba, bombom. Seu Afonso Gostoso está aqui à sua procura.

VICENTINHO — *(Aparecendo.)* Que é que há?

AFONSO — Tenho a honra de falar com o senhor Vicente Leão Malhada da Onça Filho?

VICENTINHO — Ele mesmo.

AFONSO — O senhor, por acaso, é filho do senhor Vicente Leão Malhada da Onça Pai?

VICENTINHO — Sou filho dele, mas não por acaso.

AFONSO — Seu Vicentinho, represento hoje, em Taperoá, a peça *O Seguro*, ou seja, *O Anjo da Paz Familiar*. Pois bem: nesta peça, além de representar o anjo, eu represento a Companhia de Seguros Morte Certa, a garantia para

um falecimento seguro. O inspetor da Companhia em Campina, se não me engano, já teve a honra de falar com o senhor.

VICENTINHO — Já.

AFOUNSO — E o senhor disse a ele que talvez fizesse um seguro.

VICENTINHO — Disse.

AFOUNSO — Pois eu sou o agente encarregado de trazer a proposta e a apólice para o senhor assinar.

MARIETA — Mas filhinho, para você assinar? Nós não tínhamos concordado em não fazer esse seguro? Seguro dá um azar danado! E nós tínhamos concordado em que era melhor não fazer seguro nenhum.

VICENTINHO — Não, chocolate, nós não tínhamos concordado nada. Você é que tinha dito que era contra, mas eu não concordei com isso.

MARIETA — Mas filhinho, como é que você diz uma coisa dessa, amor, quando sabe que isso é um disparate, uma mentira, uma pouca vergonha?

AFOUNSO — Dona Marieta, se me permite interromper essa discussãozinha conjugal, tão pitoresca, eu diria que a senhora está trabalhando contra seu próprio futuro. Seu marido é moço e vigoroso, trata-se de um casal jovem e cheio de esperanças, mas lembre-se de que a cada momento ele pode faltar.

MARIETA — Sai, azar! O senhor deixe de agouro para meu lado, senão mando lhe fazer um despacho e o senhor se lasca!

BENEDITO — Ih, lá vem catimbó!

Afonso — Que catimbó que nada, Dona Marieta. O fato é que seu marido pode faltar.

Vicentinho — É, filhinha, eu posso morrer e...

Afonso — É, Dona Marieta, ele pode faltar e...

Vicentinho — Espere, Seu Afonso, eu não posso nem falar! Que negócio de *faltar* é esse?

Afonso — Lá na Companhia de Seguros disseram que eu nunca dissesse *morrer* aos clientes, eles podiam se ofender! Era sempre *faltar*!

Vicentinho — Era o que faltava! A família Leão Malhada da Onça nunca teve medo de coisa nenhuma. Nem da morte. Na minha casa morrer é morrer mesmo e acabou-se.

Afonso — O senhor vai me perdoar, mas os clientes da Companhia de Seguros Morte Certa não morrem nunca: somente faltam. Nossas apólices fazem tão bem o papel de pai de família que, mesmo que o senhor venha a faltar, é como se continuasse vivo, cuidando da segurança e do bem-estar de seus familiares. É por isso que podemos dizer, com toda razão, que nossa companhia é a melhor garantia para um falecimento seguro.

Vicentinho — Você trouxe a proposta e a apólice?

Afonso — Trouxe, estão aqui.

Vicentinho — Assim que eu morrer...

Afonso — Assim que o senhor faltar...

VICENTINHO — *(Conformado.)* Está certo. Assim que eu faltar, minha mulher recebe o dinheiro do seguro?

AFONSO — Recebe.

VICENTINHO — Então vou assinar.

MARIETA — *(Impedindo-o.)* Filhinho, eu se fosse você, pensava mais um pouco. Esses seguros só dão azar e chateação. A gente demora a morrer, quando o dinheiro vem não vale mais nada, não chega mais pra nada.

VICENTINHO — *(Erguendo a caneta.)* Você acha?

MARIETA — Acho, e hoje à noite tenho outros argumentos para convencê-lo melhor.

VICENTINHO — Se é assim, vou pensar mais um pouco. *(Encosta a mão no queixo e pensa.)*

AFONSO — Meu Deus, dai-me paciência pelo amor de Deus!

BENEDITO — *(Para AFONSO.)* Eu não disse que isso só vai no pau? Se quer, diga, que eu começo a chapuletada. Quem está impedindo o negócio é a mulher. Quer que eu resolva? Um catolé ou dois aqui com o Deus-me-perdoe e ela amansa que é uma beleza.

AFONSO — Não, meu caminho é o da paciência e da delicadeza. Mas você tem razão! O homem quer, quem não quer é Marieta. Mas vou convencê-la. *(Para MARIETA.)* Dona Marieta, se não me engano, o jovem casal aqui presente tem uma filhinha, um amor de criança, não tem?

MARIETA — Temos sim. Mamãe, mamãe! Traga Madalena aqui para Seu Afonso Gostoso ver.

AFONSO — Não precisa, Dona Marieta. Eu queria somente lembrar à senhora as obrigações que os pais têm de pensar no futurinho dessa criança tão encantadora.

VICENTINHO — É, filhinha, Seu Afonso tem razão. A gente pode faltar e o melhor é garantir o futuro da menina. Vou assinar. *(Pega a caneta.)*

MARIETA — *(Levantando a mão dele.)* Filhinho, pense mais um pouco.

AFONSO — Meu caro Vicentinho, você tem uma esposa encantadora, mas parece um pouco teimosa.

VICENTINHO — Parece não, é. Puxou ao gênio da mãe. Marieta é a mãe todinha, nessa teimosia.

BENEDITO — E o senhor tem a sorte de morar com a respeitável matrona que teve a sorte de ser casada com o pai de Dona Marieta?

VICENTINHO — Tenho. E, como lembrava Leandro Gomes de Barros,
“Já dizia meu avô
sogra, nem depois de morta:
mesmo defunta inda briga
e a língua da alma corta.”

MARIETA — Filhinho, que brincadeira mais sem graça! Mamãe pode ir passando por acaso e ouvir uma coisa dessa!

DONA OLÍVIA — *(Aparecendo.)* Pode ir passando não, vai passando. Eu estava escondida atrás da porta, olhando tudo pelo buraco da fechadura, porque

sabia que esse peste ia acabar falando de mim. Ouvi tudo. (*Vai dando empurrões e tapas em VICENTINHO enquanto fala.*) Mas é isso mesmo, eu sou uma mártir, uma infeliz, que tem de viver abrigada sob o teto alheio. Já estou acostumada com todas essas humilhações, com todas essas picuinhas. Toda a família de meu genro é assim. Aliás, eu avisei você, minha filha! Você casou porque quis, não porque eu tivesse deixado de cumprir minha obrigação, avisando quem era esse sujeito.

AFOUNSO — Senhor Vicente, essas conversas familiares são tão encantadoras, tão pitorescas, tão íntimas, que talvez seja melhor conversarmos noutra hora.

VICENTINHO — Não, fique, oxente! Se eu for ligar a todas as besteiras que minha sogra inventa, não faço mais nada!

AFOUNSO — O senhor acha então que pode assinar a proposta do seguro?

VICENTINHO — Acho, vou assinar.

MARIETA — Mas meu filho, você vai assinar mesmo?

AFOUNSO — (*À meia-voz.*) Puxa!

VICENTINHO — Bom, vamos fazer um acordo. Meu pai vem ali: é um homem vivido, de grande experiência e coragem. Eu faço o que ele disser. Nunca faço nada sem consultá-lo e se ele achar que devo fazer o seguro, assino.

MARIETA — Mamãe, é Seu Vicentão que vem aí?

DONA OLÍVIA — É, com bigode e tudo!

MARIETA — Então, com licença. Vou chegando.

VICENTINHO — Mas filhinha, papai vem ali e vem nos visitar.

MARIETA — É por isso mesmo que eu vou saindo. Você me desculpe, filhinho, mas você sabe perfeitamente que seu pai faz tudo para me contrariar. Se eu ficasse, ele descobriria que sou contra o seguro e é muito capaz de aconselhar você a assinar só para me fazer raiva. E essa humilhação, eu não posso suportar.

DONA OLÍVIA — É o que eu vivo dizendo, minha filha. Endureça. Se você endurecesse toda vez, ninguém tentaria montar em nosso pescoço: quando seu pai era vivo, não tínhamos que suportar essas humilhações a cada instante. *(Enquanto fala vai dando tapas e empurrões em VICENTINHO e depois chora.)*

MARIETA — Mãezinha, não chore! Não chore não, querida! Bruto! Está vendo o que você fez?

VICENTINHO — Mas chocolate, eu não fiz nada! Espere! Marieta! *(Abaixam DONA OLÍVIA, MARIETA e VICENTINHO; entra VICENTÃO.)*

VICENTÃO

Ai não vá não, Teresinha,
não vá não que o touro dá!
Não vá não, Teresinha,
na porteira do currá!
Eu vou pra o mato,
mato grandes e miúdos,
chego em casa ajunto tudo,
dou à mulher pra pelar!
Ela reclama,
diz que isso não faz sentido,
meto a mão no pé do ouvido,
pra deixar de reclamar!
A mulher pela,
vamos pra beira do fogo,

está danado esse jogo,
até o passarinho assar!
Chega o menino:
Papai, me dá um pedaço!
Passo-lhe a mão no cachaço:
Se quer páss'ro vá matar!
Ai não vá não, Teresinha,
não vá não que o touro dá!
Não vá não, Teresinha,
na porteira do currá!
(*Falando.*) Bom dia, senhores!

AFOUNSO — Senhor Vicentão, Afonso Gostoso Cabeleira, para servi-lo.

Represento a Companhia de Seguros Morte Certa, a garantia para um falecimento seguro. Estou aqui para que seu estimável filho Vicentinho faça um seguro, o que redundará em benefício para toda a família dele. Infelizmente, a sua bela e prendada nora, estimulada pela virtuosa mãe, é contrária ao seguro.

VICENTÃO — Aquilo são duas jararacas. E o mole do meu filho tem medo de todas duas. A mãe é uma cobra, uma viúva alegre. E a filha, se Vicentinho tivesse me ouvido, não teria casado com ela. A mulher, em solteira, não podia ver homem, ficava toda assanhada. Também, filha daquela caninana, daquela cascavel, só podia ser assanhada. Uma coisa lhe digo logo: se elas estão contra esse tal de seguro é porque esse tal de seguro é bom, logo sou a favor do tal do seguro. Por que meu filho não quer fazer uma coisa tão boa?

AFOUNSO — Ele quer, mas como a sogra se opôs, disse que antes de assinar os papéis desejava ouvir sua experimentada opinião. Antes de mais nada, quero esclarecer que o seguro será uma garantia valiosa para ele e para a filhinha, sua encantadora neta Madalena. E ainda um pequeno detalhe: sei que o senhor é um homem rico e valente e não se interessa por essas tolices, mas o senhor pode ganhar dinheiro com o seguro.

VICENTÃO — Hein?

AFOUNSO — Se seu filho se resolver a favor do seguro, posso credenciar o senhor junto à Companhia de Seguros Morte Certa, caso em que, como agente, o senhor terá direito também a uma comissão pelo trabalho.

VICENTÃO — Interessante, muito interessante esta parte. Não é que o dinheiro me interesse, mas como o senhor diz que o seguro garante não só o marido, mas também a mulher e os filhos do casal... não é assim?

AFOUNSO — É assim mesmo.

VICENTÃO — Queira me dar a proposta. (*Depois de ler.*) Interessante, muito interessante as condições. Pode o senhor me ceder uma cópia dessa proposta?

AFOUNSO — Posso, pois não. Mas não seria melhor seu filho assinar logo esta?

VICENTÃO — Isso é outra questão. Quero levar a cópia para meu genro. Tenho uma filha pela qual sou louco. O senhor não repare, mas ela é minha predileta; esse Vicentinho é um frouxo, um mole, não parece filho meu. Minha filha é a predileta. Se meu genro fizer o seguro, tenho direito também à comissão?

AFOUNSO — Claro que tem.

VICENTÃO — Vou então levar-lhe a proposta e convencê-lo a assiná-la, o que redundará em benefício de minha querida filha.

AFOUNSO — Ótimo, Seu Vicentão, ótimo, ótimo, excelente. A Companhia vai ficar louca por mim: em vez de um seguro, dois seguros, num dia só. E ao senhor também, a Companhia de Seguros Morte Certa saberá demonstrar sua gratidão.

VICENTÃO — Gratidão e comissão, está ouvindo?

AFOUNSO — Pois não, pois não! Será uma alegria credenciá-lo. E quanto ao seguro de seu filho...

VICENTÃO — Meu filho tem duas jararacas em casa, esse é que é o fato. Chega dá raiva se fazer seguro em favor de uma cobra daquela. Mas vou aconselhá-lo a assinar também.

AFOUNSO — Ótimo, ótimo, excelente, Seu Vicentão. Seu filho acaba de entrar em casa.

VICENTÃO — Então vou procurá-lo. Onde poderei encontrar o senhor para regularizar o seguro de meu genro e a comissão?

AFOUNSO — Na sede da Companhia de Seguros Morte Certa. Os papéis têm o endereço.

VICENTÃO — Então, até lá. Fique descansado, é coisa garantida. *(Sai.)*

AFOUNSO — Viu, Benedito? Viu quanto valem a astúcia e a delicadeza?

BENEDITO — Vi, mas escute o que estou lhe dizendo: esse bigodudo vai trair você.

AFOUNSO — Vai nada! E a comissão?

BENEDITO — É, pode ser.

AFOUNSO — E mesmo, em último caso, meu filho, só ter conhecido Marieta já pagou meu dia. Que mulher! Você viu como ela se mexe? Parece uma onça, toda feminina, toda manhosa, toda macia, toda sexual...

BENEDITO — Agora, não sei, mas quando era solteira, aquilo era acesa que não tinha água que apagasse o fogo dela!

AFONSO — Cale a boca, o pessoal vem aí. (*Aparecem VICENTINHO, MARIETA e DONA OLÍVIA.*) Então tudo resolvido, não foi? Onde está Seu Vicentão?

VICENTINHO — Saiu pela porta de trás, pelo chão.

AFONSO — Ele falou com o senhor sobre o seguro?

VICENTINHO — Falou.

AFONSO — E então? O que foi que resolveram?

MARIETA — Pela primeira vez na vida, o bigodudo do meu sogro tomou o meu partido.

AFONSO — O quê?

VICENTINHO — O senhor vai me desculpar, Seu Afonso Gostoso, mas meu pai é de opinião que o seguro não vale a pena. O dinheiro vai se desvalorizando com o tempo e não vale nada quando é pago.

AFONSO — Pois eu me admiro muito que ele tenha dito isso quanto ao seguro de Dona Marieta, porque Seu Vicentão levou uma proposta para que o genro fizesse um seguro em favor da filha dele.

MARIETA — O quê?

DONA OLÍVIA — O quê? O que é que o senhor está me dizendo?

AFOUNSO — A senhora me desculpe, mas Seu Vicentão não tem uma filha casada?

DONA OLÍVIA — Tem! Tem demais!

AFOUNSO — Pois ele disse aqui que o seguro era uma coisa ótima e levou uma proposta para que o genro fizesse um em favor dela.

DONA OLÍVIA — Você está vendo, minha filha? Quando foi para a filha dele, o seguro prestava, para você não vale nada!

MARIETA — É porque aquele bigodudo não gosta de mim!

VICENTINHO — Mas filhinha, não diga uma coisa dessa! Eu queria assinar o seguro, você não deixou!

MARIETA — Não interessa, isso é outra questão. O que eu estou discutindo agora é a perfídia que seu pai fez comigo. Eu já sabia que ele me detestava, mas nunca pensei que fosse tanto! Nem nunca esperei que você preferisse ficar ao lado de seu pai e contra mim.

VICENTINHO — Mas filhinha...

MARIETA — *(Chorando.)* É isso mesmo, pra todo lado que eu me viro só vejo desprezo e incompreensão.

DONA OLÍVIA — *(Empurrando o genro e dando-lhe tapas.)* Se você não faz o seguro por minha filha, faça pelo menos pensando na sua filhinha inocente, pai sem coração!

VICENTINHO — *(Reagindo e empurrando-a com a cabeça.)* Dona Olívia, sabe do que mais? Eu enchi com a senhora. Vá pra lá, viu? Vá pra lá! Ninguém

chamou a senhora aqui!

DOÑA OLÍVIA — Ai, Marieta, minha filha, o bruto do seu marido está me matando!

MARIETA — Vicente, está vendo? Está vendo o que você fez?

VICENTINHO — O que foi?

MARIETA — Matou minha mãe!

VICENTINHO — Eu?

DOÑA OLÍVIA — Sim, me matou. Estou morta! Olhe eu morta aqui, está vendo?

VICENTINHO — Eu não fiz nada. O que não estou é disposto a suportar as novelas de sua mãe, com essa história de pai sem coração!

MARIETA — É, as novelas daqui quem faz é minha mãe, mas as ruindades quem faz é seu pai!

DOÑA OLÍVIA — Olhe, eu estou morta, viu, mas ainda me resta um sopro de vida para defender minha filha, está ouvindo? O que é que podia se esperar daquele velho bigodudo? Aquilo sempre foi trapaceiro!

VICENTINHO — O quê, caninana? Meu pai? Trapaceiro?

DOÑA OLÍVIA — Trapaceiro, corno e ruim!

VICENTINHO — O quê? Pra fora de minha casa! Pra fora! Pegue seus trastes e vá embora! Não admito em minha casa um insulto a meu pai. Caninana, jararaca, cascavel, catraia! Vive aqui comendo o meu feijão e ainda se acha com o direito de insultar meu pai. Pra fora de minha casa!

DONA OLÍVIA — Você me expulsa de casa?

VICENTINHO — Expulso! Já devia ter feito isso há muito tempo, mas sou bondoso, tolerante e fui aguentando. Mas hoje a senhora passou da conta e eu enchi.

MARIETA — Ah, é assim? É assim, é?

VICENTINHO — É.

MARIETA — Se minha mãe vai, eu vou também!

VICENTINHO — A porta está aberta e é larga, podem passar as duas. Saiam, saiam imediatamente!

MARIETA — E então? Você pensa que eu me importo? Para mim, isso representa somente a alegria e a liberdade. Vou e vou cantando. Mamãe, vamos embora! E vocês, homens de Taperoá, preparem-se que eu chego já! *(Saem.)*

VICENTINHO — Adeus, ingrata, adeus, vida de minha ilusão. É o lar desfeito e a vida destroçada.

AFOUNSO — Que vida destroçada, que lar desfeito que nada, Seu Vicentinho! Há uma coisa que substitui qualquer lar, qualquer mulher, como segurança e companhia para a velhice dos solitários: são os seguros da Companhia Morte Certa. O senhor podia era aproveitar a oportunidade e assinar a proposta!

VICENTINHO — O quê, canalha? Cachorro, cabeludo safado! O senhor causa um barulho desse, me faz perder a mulher que era o sonho de minha vida e ainda me vem com essa peste desse seguro? *(Dá-lhe umas pancadas.)*

AFONSO — Calma, Seu Vicentinho, calma! O senhor está nervoso! Não me agrida, Seu Vicentinho! Veja que eu estou no exercício de um dever profissional!

BENEDITO — Eu não disse que isso só vai na chapuletada? É isso mesmo, Afonso. Você é um peste, um bandido! Destruiu a vida de Seu Vicentinho! E ainda vem com essa safadeza de seguro? Cachorro, safado! *(Dando em VICENTINHO.)* Tome, tome, para não me meter mais nessas molecagens! Tome! Tome!

VICENTINHO — Benedito, você está batendo é em mim!

BENEDITO — *(Dando em VICENTINHO.)* Tome, tome mais, cabra de peia! Tome, tome!

AFONSO — Ai, ai, ai!

VICENTINHO — Eu apanho e quem grita é ele! Ai, Benedito! Ai, morri! Dessa eu não escapo!

AFONSO — Escapa. Escapa e há de fazer o seguro. Porque amanhã eu volto. Volto e hei de obrigá-lo a assinar a proposta, para segurança e tranquilidade do seu falecimento.

MANUEL FLORES — *(Entrando.)* Termina aqui a tragédia *O Seguro*, ou seja, *O Anjo da Paz Familiar*. E como mamulengo deve terminar festivamente, a companhia inteira aparece para cantar a seguinte música. *(Todos aparecem e cantam “Teresinha”.)*